

**Esposas de missionários: Três séculos,  
três igrejas, três histórias de vida**  
**Wives of missionaries: Three centuries,  
three churches, three histories of life**

*Nivia Ivette Núñez de la Paz*<sup>1</sup>

**RESUMO**

O artigo parte do “status” esposa de missionário para passear por três séculos, três denominações e três histórias de vida; séculos, denominações e, principalmente, histórias de vida, que por uma ou outra razão se entrecruzam no tocante às questões, ou melhor, relações de gênero. Ao resgatar as “histórias das mulheres”, ao conhecer essas histórias, pergunta-se ironicamente, mas com toda intenção: qualquer semelhança é pura coincidência? O artigo quer ser resgate de memória e também denúncia.

**PALAVRAS-CHAVES**

Esposas de missionários; Feminismos; Histórias de vida.

**ABSTRACT**

The article starts from the wife missionary “status” to wander through three centuries, three Christian denominations and three life histories; centuries, denominations and, especially, stories of life, which for one reason or another intersect in relation to questions, or rather, gender relations. To rescue the “stories of women”, to know those histories, one

---

<sup>1</sup> Doutora, mestra e licenciada em Teologia. Atua como pesquisadora na Faculdades EST, com bolsa CAPES (PNPD). Suas áreas de pesquisa são: feminismo, violência contra as mulheres, políticas públicas, interculturalidade, teologia pública e direitos humanos. Faz parte do Núcleo de Pesquisa de Gênero – NPG, do Núcleo de Estudo e Pesquisa do Protestantismo – NEPP e do Grupo de Pesquisa de Teologia Pública em Perspectiva Latino-Americana todas nas Faculdades EST. Contato: nivianpaz@yahoo.com.br.

asks ironically, but with every intention: Is any similarity purely coincidental? The article wants to be rescue of memory and also complaint.

### KEYWORDS

Wives of missionaries; Feminisms; Life history.

Em agosto de 2008, recém concluindo meu doutorado, uma nova mudança chegava a minha vida. Saía do sul de Brasil, lugar onde morara por sete anos consecutivos após meu casamento, para morar na região norte. De São Leopoldo, cidade que faz parte da região metropolitana de Porto Alegre, para Rio Branco, capital do Estado de Acre; da Escola Superior de Teologia para a Casa de Missão do COMIN (Conselho de Missão entre Povos Indígenas). No entanto, eu não tinha sido enviada como teóloga ou missionária, eu era apenas “a esposa do missionário”. Este artigo começou a ser gestado desde então, mas preciso advertir que ainda o que aqui apresento seria apenas um esboço do que é suspeitado, pensado e desejado, como projeto de pesquisa maior.

No ano de 2013, morando em Birmingham, na Inglaterra, dois novos fatos me levaram a levantar outros dados com relação à temática. Conheci a Judith Moore-von Sicard, uma senhora da comunidade da qual fazíamos parte, e ela gentilmente se brindou para “conversar” uma vez por semana, a fim de que minha pronuncia e conhecimento de Inglês fossem melhores. As “aulas”, de quase duas horas de duração, não tocavam diretamente a gramática, a gramática entrava na nossa conversa por uma exigência das nossas histórias de vida, e foi neste recorrido pelo tempo que a suspeita e pensamentos de Acre retornaram, confirmando uma vez mais que: na vida das mulheres, no cotidiano das mulheres “meridianos e paralelos” quase não existem como diferença. Em qualquer lugar do globo terráqueo a história das mulheres tem sido e é muito similar, e pior, há similitude até no apagamento dessas histórias, como afirma Michele Perrot: “no teatro da memória, as mulheres são uma leve sombra”<sup>2</sup>.

Por causa da pesquisa doutoral de meu esposo Rogério Sávio Link, em 2014, e como parte dessa viagem ao Reino Unido visitamos o CMS

---

<sup>2</sup> PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2013, p. 23.

– *Church Mission Society* em Oxford, a fim de pesquisar em fontes primárias: cartas, fotos, revistas e atas da missão anglicana no Amazonas brasileiro, especificamente com o povo indígena Apurinã. Eram documentos do século XIX e, quando os olhava, parecia que estava lendo os documentos da Casa de Missão de Acre, as relações entre a missão e os chefes dessa missão, os status que vão ganhando as pessoas que fazem parte do projeto, os sacrifícios solicitados em nome de Deus, os abandonos planejados, os tantos silêncios impostos e, principalmente, a negação à plena existência de uma parte importante desses projetos: as esposas dos missionários.

Partindo do “status” esposa de missionário passeio por três séculos, três denominações e três histórias de vida; séculos, denominações e, principalmente, histórias de vida, que por uma ou outra razão se entrecruzam no tocante as questões, ou melhor, relações de gênero. Ao resgatar as “histórias das mulheres”, ao conhecer essas histórias perguntamos ironicamente, mas com toda intenção: qualquer semelhança é pura coincidência?

### **Três histórias de Vida**

Marcela Lagarde, na sua Tesis Doutoral transformada no conhecido livro *Los Cautiverios de las Mujeres: madre-esposas, monjas, putas, presas y locas* diz ao finalizar do capítulo 1: “Desejo, com esse trabalho, um final concreto (...) iluminar ao mundo com essa parte escura da terra que somos as mulheres”. Nesse sentido trazemos as histórias que foram selecionadas para este artigo, afirmando que nessas categorias antropológicas escolhidas por Marcela e separadas intencionalmente para seu estudo etnográfico entramos todas, e por vezes entramos sem possível divisão, somos de todo um pouco segundo *onde* e *quem* faça nosso julgamento. Por isso a importância de resgatar as histórias, para que não sejam consideradas exceção e possam sim, iluminar.

#### ***História 1, século XIX. Sra. Jones – atas e revistas***

Em janeiro de 1878, o missionário e superintendente W. Duke, após vários pedidos ao Comitê da Missão para o envio de missionárias mulheres

e o fracasso no envio da família Woods (da qual mais adiante falaremos), escreve afirmando: “há mulheres inglesas, americanas e alemãs que vivem perfeitamente em Manaus e no Pará (...)”. Passado um ano e não sendo atendida sua solicitação uma nova carta é enviada por Duke em novembro de 1879, solicitando novamente o envio de uma missionária e nela explica que “uma das meninas [indígenas] da missão já era reconhecidamente adulta e eles precisavam mulheres para ajudar”. Em reunião do dia 13 de janeiro de 1880 o Comitê a prova o envio de um casal e no dia 1 de março publica a vaga na revista missionária: “Procura-se, para o serviço na Estação Missionária da Sociedade, Rio Purus, Amazonas, América do Sul, um catequista casado sem família, cuja mulher seria igualmente requerida para auxiliar na educação das crianças” (SAMM, 1880). O tenente Ralf Willian Jones e “sua esposa” foram escolhidos, e segundo reza na ata, Ralf receberia 50 libras anuais pelo trabalho. Foi no dia 19 de novembro de 1880 que Ralf W. Jones e “sua esposa”, segundo aparece nos documentos, chegaram ao Pará. Jones, por seu título militar, foi nomeado pelo Comitê como “segundo homem” da missão. Já na primeira carta enviada por Jones desde terras brasileiras explicita que a sua esposa estava sofrendo muito com enxaqueca e insônia, mas que não desejava retornar a Inglaterra sem ele. A Sra. Jones permaneceu aproximadamente por oito meses na casa da missão, mas só temos o registro da sua existência por essa carta da sua chegada e depois por uma ata do comitê do dia 12 de julho de 1881 que registra que a senhora Jones estaria regressando a Inglaterra por motivos de saúde.

### *História 2, século XX. Judith – um livro<sup>3</sup>*

Sim, eu vou escrever a minha historia! Esse foi o pensamento de Judith verbalizado num grande salão com a presença de muitas famílias missionárias, reunidas pela Conferencia Missionária, quando perguntadas pelo número de países que tinham conhecido e quais deles faziam parte verdadeiramente da sua vida. Nesse momento, Judith contou seis, para perplexidade dos presentes e, principalmente, do homem que

<sup>3</sup> MOORE-VON SICARD, Judith. *Beyond the Narrows: Cultural Reflections from My Missionary Life*. Canadá: Bold World Books, 2013, p. 145s.

conduzia a atividade. Ela foi convidada a subir ao palco e contar um pouco da sua vida. Foi nesse contar e recontar que percebeu a importância de registro. Assim então nasce o projeto que mais tarde seria o Livro: *Beyond the Narrows: Cultural Reflections from My Missionary Life*<sup>4</sup>. Judith Moore-von Sicard é canadense, de St John's Newfoundland. Estudou por dois anos na universidade de St John's Newfoundland, mas concluiu seus estudos universitários em Boston, EUA, onde recebeu o diploma de Professora pela *Boston University*. Mas tarde, na Universidade de Toronto, Judith se preparou para o trabalho missionário e logo após recebeu o título de Mestre em Educação Religiosa pelo *Hartford Seminary Foundation* em Connecticut. Casou-se com o missionário Luterano de origem sueca Ernst Hans Joseph Sigvard von Sicard e tiveram três filhos. Ela registra os seis países que sente como parte de importante da sua vida e explica o por que: Canadá (lugar no qual nasceu); EUA (que a recebeu como estudante e onde concluiu seus estudos universitários); Suécia (país natal de seu esposo e onde também moraram por mais de três anos); Egito e Tanzânia, (onde a família morou e trabalhou na missão) e Inglaterra (lugar ao que foram para trabalho de docente de Sigvard e no qual moram até hoje). Nesses anos todos Judith foi, como ela mesma explicita: mentora, professora, editora de tese, esposa de missionário e finalmente professora de Inglês como segunda língua para imigrantes<sup>5</sup>. Uma história que ela descreve não como sendo sua e sim como uma história familiar<sup>6</sup>. Judith, em seu livro, vai contando com detalhes sua vida, em Canadá, nos Estados Unidos, o encontro com o estudante von Sicard que depois viria a ser seu esposo, seu cotidiano no Egito e na Tanzânia, o conviveu com a família da Suécia, e por fim, sua chegada e assentamento em Birmingham, seu lar por mais de vinte anos. Cada capítulo do Livro inicia com um desenho, do lugar a tratar, feito pela Judith, e cada memória dos diferentes lugares onde moraram também tem desenhos feitos por ela. Esses desenhos são mapas, casas, vegetação, animais, bandeiras, rituais culturais e a própria família. No livro também aparece o registro histórico das fotos. Judith também escreve poemas e alguns deles estão

<sup>4</sup> MOORE-VON SICARD, 2013, p. 1s.

<sup>5</sup> MOORE-VON SICARD, 2013, p. 146.

<sup>6</sup> MOORE-VON SICARD, 2013, p. 2.

recolhidos também nesta publicação. Um dado curioso, e que gostaria de destacar, é que mesmo sendo Judith metodista e Sigvard luterano, o casal fazia parte da comunidade anglicana St. Mary, de Selly Oak. Tal fato permitiu que a gente se conhecesse e acho que também teve alguma coisa a ver com nossa primeira aproximação e depois amizade. Judith, só teve trabalho remunerado antes de casar com Sigvard e quando foi a morar em Birmingham.

### *História 3, século XXI. Nivia Ivette – um diário*

Meu nome é Nivia Ivette Núñez de la Paz. Nasci em Cuba, na cidade de Camagüey, estudei enfermagem e também teologia. Vim ao Brasil a final de 1999 para um ano de intercambio de estudos. Era uma prática que sempre estudantes da graduação do Seminário Evangélico de Teologia – SET (Cuba) e da então Escola Superior de Teologia – EST (Brasil) fizessem esse intercambio financiado pela EMW – *Evangelisches Missionswerk in Deutschland*. Foi durante esse tempo de estudos que conheci ao meu esposo. Após um ano de estudos, quando regressava a Cuba para concluir minha graduação conversamos sobre a possibilidade ou não de “continuar nossa vida juntos”, Rogério faria um ano de intercambio na Tanzânia; então, nossa ideia foi aguardar esse ano, ele no intercambio e eu em Cuba, até saber realmente que desejávamos. No entanto, as coisas aconteceram de um outro modo, eu me formei e tinha proposta de trabalho como assessora no Centro Martin Luther King, uma ONG cubana, na área sócio-teológica, mas Rogério não conseguiu viajar porque foi suspenso o intercambio para Tanzânia. Era seu último semestre de estudos na EST e como em Cuba não existia a possibilidade dele trabalhar e pagar a dívida da bolsa de estudo à Igreja, decidimos casar e morar no Brasil. Uma vez concluída a graduação, ambos nos apresentamos às provas de ingresso e foi assim que fizemos o mestrado e o doutorado acadêmico entre os anos de 2002 a 2008. Rogério sempre tinha permanecido muito vinculado à questão indígena, fazendo parte no só de grupos de pesquisa senão também de grupos de trabalho nas comunidades do Amazonas. Seu sonho era um dia trabalhar com alguns desses povos. Uma vez concluído o doutorado recebeu a proposta de trabalhar com o COMIN, como missionário, e seu trabalho estaria direcionado ao

povo indígena Apurinã, na fronteira dos Estados Acre e Amazonas. Nesse tempo, eu estava concluindo minha tese e, após conversar como casal, decidimos que iríamos a morar no norte, para Rogério assumir o trabalho proposto. O COMIN não tinha verba para me oferecer trabalho, e o conversado foi que colocariam essa ideia no planejamento para que, após o trienal iniciado, pudesse, quiçá, ser efetiva. O COMIN também explicou para Rogério que tinha sido acordada na última reunião (antes da proposta) que a partir desse momento toda pessoa contratada pelo COMIN iniciaria ganhando um salário estipulado pela direção como “inicial” e não mais reconheceria títulos para o pagamento de contrato. Isso significava que nosso orçamento familiar ficaria com uma entrada ainda inferior a metade do que recebíamos pela pesquisa de ambos. Rogério ficou em São Leopoldo até o dia da minha defesa de Tese, para acompanhar esse momento, depois viajou. A indicação feita pelo COMIN era que morássemos em Rio Branco, capital de Acre, e que recuperássemos a Casa de Missão, que tinha permanecido alugada por muitos anos pelo fato de não ter nenhuma pessoa para enviar à missão. Eu, uma vez que concluí a revisão das observações feitas pela banca, e entreguei a versão final da Tese viajei ao encontro de meu esposo. A chegada a Rio Branco foi realmente impactante, além do cansaço dos dias de viagens, mas de 4000 mil quilômetros de ônibus, chegar “em casa” e não encontrar casa foi estarrecedor. A casa da missão era uma ruína, isso era o que tinha ficado após vários anos de aluguel, sem manutenção e sem acompanhamento. Três caçambas de lixo tinham sido tiradas do pátio, e o interior, quartos (6), banheiros (3) sala e cozinha estavam totalmente detonados. O piso de madeira tinha que ser lixado, as portas (umas arrombadas e outras inexistentes) concertadas, remodelar as habitações e pintar também era necessário. Rogério tinha contratado uma brigada de pedreiros que trabalhavam segundo o ritmo da cidade, e que tinham um outro esquema de concerto: trabalhar em todo e não por partes. Isso foi complicado porque os banheiros não tinham portas e por mais de um mês, tínhamos que aguardar às 17h, aproximadamente, quando eles concluíam a jornada de trabalho, para fazer uso deles. A cozinha não existia e nem podíamos montar uma porque como os pisos estavam sendo lixados (também por partes), não era possível ter ou estocar alimentos. Durante esse tempo fazíamos só um almoço por dia em restaurantes próximos.

Pela precariedade do lugar e pela demora da reforma, meu esposo solicitou ao COMIN um ajuda para morar, até concluir os trabalhos na casa, em um apartamento alugado, mas a resposta foi que o COMIN não tinha condições econômicas para pagar esse aluguel. Como nós também não tínhamos, a opção foi ficar morando no meio da reforma, e quando cansamos de tanta demora e pela presa de viajar ao sul, onde se faria o Encontro Anual do COMIN, acabamos agradecendo e dispensando a “tal brigada” (que para esse então era composta por dois homens) e fazendo nós mesmos a pintura da casa. O ano de 2009 foi muito conturbado. A igreja, IECLB, tinha solicitado ao Rogério que atendesse um grupo de adolescentes luteranos que moravam em Rio Branco porque as famílias queriam que fizessem o Ensino Confirmatório, também que ajudasse na assistência e manutenção da “comunidade familiar” Fazenda Palotina, trabalhos que respondiam à inexistência de obreiro/a em Rio Branco. Rogério assumiu esse trabalho voluntário, cada sábado de tarde abríamos nossa casa para o Ensino Confirmatório e quando Rogério viajava para as aldeias era essa minha responsabilidade. Também atendíamos pastoralmente a Fazenda Palotina. Mas, qual não seria nossa surpresa que ao requerer um abatimento no valor das mensalidades do pagamento do Fundo (bolsa de estudo que Rogério recebeu na faculdade) e que tal abatimento constava no Regulamento para aqueles/as que trabalhassem na região norte, a resposta da igreja foi que Rogério era missionário e não obreiro da Igreja, que ele não tinha sido ordenado e por tanto não poderia ganhar tal desconto. Eu tentei trabalho em duas universidades, em uma fui contratada para aulas de Psicologia da Religião em um curso de especialização, mas uma vez concluído o módulo não existiam verbas para a Faculdade continuar trabalhando e, portanto, não teriam dinheiro para contratações. Na segunda Faculdade fui chamada, fizeram meu cartão como professora, pediram para montar um curso de especialização sobre gênero, fui “cartão de apresentação” para a visita do MEC (única doutora da universidade) e, logo após a visita, explicaram que entrar numa universidade particular tinha todo um processo de aceitação pelos “grêmios docentes”, porque a entrada de alguém novo significava a redução de horas de alguém já contratado. Em fim, não pagaram esse trabalho realizado e pediram para aguardar uma próxima chamada. Realmente, muitas coisas não podiam ser feitas com o título de Teologia e os espaços



que existiam na cidade já estavam ocupados. Sobre essa questão financeira falamos na visita que realizou o pastor encarregado pelo acompanhamento pastoral das missões, mas a resposta foi aquela que tínhamos escutado no Sul, tinha sido colocado no planejamento e esperavam que em três anos, mais o menos, tal solicitação pudesse ser efetiva. Rogério continuava viajando as aldeias e eu fazia o trabalho na cidade durante sua ausência. Conclusão, o COMIN tinha uma pessoa contratada e uma “esposa de missionário” para dar suporte, de forma voluntária, à missão.

### **Três séculos, três igrejas, uma forma de gerenciar a missão**

Quando procuramos no google por “Historia da Missão” muitos são os homens que aparecem como autores e organizadores destas publicações. Lógico que não é diferente se a pesquisa é feita nas bibliotecas dos diferentes seminários ao redor do mundo. Não importa o ano de publicação, o país ou o tipo de missão, a maioria destas publicações é escrita por homens e, por conseguinte, desde a perspectiva dos homens<sup>7</sup>. Ainda, quando encontramos a autora Regina Fernandes Sanches, com seu livro *Teologia da Missão Integral*, e olhamos a capa, aparece estampada a seguinte frase “com prefácio de René Padilla”, algo assim como... porque se trata de mulher temos que de alguma forma “dar autoridade à escrita”.

Voltando ao século XIX, na revista missionária<sup>8</sup> do Comitê<sup>9</sup> lemos o sermão proferido pelo reverendo J. Kirkman por ocasião do envio do primeiro casal para trabalhar no Amazonas, com os Apurinã, e percebemos que principalmente esse sermão foi dedicado à missionária, mais uma vez “esposa de” ou nomeada como “Sra. Woods” e diz:

Nós não nos esquecemos, Sra. Woods, que você é a *primeira missionária* que sai para enfrentar os perigos, provações e inconvenientes

<sup>7</sup> Podem ser lidas as publicações de: Padilla, Lewis, Bertuzzi, Gondin, Bosch, Azevedo, Stott, Gerone, Zwetsch, Link, Filoni, Montoya entre outros.

<sup>8</sup> SAMM – *South American Missionary Magazine* (Revista Missionária da América do Sul).

<sup>9</sup> SAMS – *South American Missionary Society* (Sociedade Missionária para a América do Sul).

inseparáveis de um tal clima e um tal país. Admiramos a sua coragem e devoção, e sua prontidão para acompanhar seu marido em sua incumbência de misericórdia e de amor; e nos alegamos em pensar que ao fazê-lo você está atuando por amor a Ele, que entregou Sua vida pelos pecadores, e que ofertou a boa notícia para ser pregada a toda criatura<sup>10</sup>.

Interessante observar como apesar desse casal estar viajando devido à insistente solicitação da presença de mulheres na missão, é o homem que vai com o status de missionário ficando claro nas palavras do reverendo “a prontidão para acompanhar o seu marido”, o que se pode inferir também, mesmo quando não explicitado, que seria o marido quem receberia o pagamento. O documento prossegue:

As atribuições que o Comitê tem confiado a você, apesar de aparentemente pequenas, são, na realidade, de grande importância, pois ler, escrever, bordar e cozinhar são essenciais, enquanto conduzidas e associadas com a Vida Cristã. Você não deve esperar que tudo seja êxito aparente. Não é assim em casa. Deve ser suficiente para você plantar a semente. É Deus quem dá o crescimento<sup>11</sup>.

As “atribuições aparentemente pequenas”, mas “de grande importância” não merecem um salário, assim fica entendido. Ler, escrever, bordar, lavar e outras “funções do cotidiano do lar” que o reverendo não menciona na sua lista são aquelas consideradas “normais e naturais” para a vida de uma mulher, aquelas que acreditam que chegam com o sexo.

Outro dado importante com relação ao casal Woods é a forma em que o missionário Woods se refere, numa carta, ao retorno da esposa para Inglaterra, um mês após ter chegado (27 de abril de 1877 a 28 de maio de 1877). Na sua escrita aparece:

Posso assegurar-vos que é uma grande decepção para mim, como eu me engajei neste trabalho com a plena certeza de que a minha mulher seria capaz de suportar o clima; mas não é esse o caso, e devemos estar perfeitamente conformados com a vontade do Senhor<sup>12</sup>.

---

<sup>10</sup> SAMM, 1877 apud LINK, 2016, p. 104.

<sup>11</sup> SAMM, 1877 apud LINK, 2016, p. 105.

<sup>12</sup> SAMM, 1877 apud LINK, 2016, p. 107.

Tal carta faz com que nos perguntemos: fazem os centros de missão algum tipo de cobrança sobre a permanência “segundo as normas ou não” das esposas dos missionários na missão? Que representa o abandono “missionário” da esposa para o esposo contratado? Como fica o missionário oficial perante o centro da missão? Que aspiram e esperam os centros de missão, na maior parte das vezes coordenados por homens, das esposas dos missionários? Será que Deus quer mesmo um sacrifício maior das mulheres, neste caso das esposas dos missionários? Será que Deus justifica tamanha submissão exigida pelos centros de missão às esposas?

Na história da Judith vários detalhes, palavras e até construções de frases chamam nossa atenção e aguçam nossa suspeita. Ela explicita, como já foi citado, que o livro recolhe a história da família, que não se trata da história dela. Se bem é certo que a família faz parte da vida e do cotidiano de Judith durante todos esses anos, *como e por que* não se reconhece uma história como própria quando essa história está carregada de seus relatos, seus desenhos, seus poemas, suas vivências e tem sido escrita desde sua perspectiva, com suas palavras. Que faz com que Judith, mesmo assim, decida dar autoria plural e não singular à história narrada? A história da sua vida.

Outro dado importante é o fato de Judith enumerar, na sua minibiografia ao final da publicação, tarefas que realizou e as quais constituem referentes da sua trajetória. Ela destaca, como já foi citado, que foi “mentora, professora, editora de tese, esposa de missionário e professora de Inglês”. Para Judith ser esposa de missionário faz parte do “currículo laboral”! Será também assim entendido pelos centros de missão?

Nossa caminhada acadêmica confirma que os tais centros de missão são tão machistas, patriarcais, androcêntricos e misóginos quanto as próprias culturas e sociedades nos quais estão inseridos. Os centros de missão são teologicamente tão tradicionais e dogmáticos quanto as instituições eclesiais às quais pertencem. Instituições eclesiais que podem estar muito antenadas ao presente, em documentos e posicionamentos oficiais, mas que na prática reforçam cotidianamente os estereótipos de gênero, as relações assimétricas e os poderes que fortalecem esse tipo de relações. Tudo corre bem na missão se a família na missão e, principalmente, a mulher e esposa segue o protótipo inventado para Maria:

devoção, entrega sem limites, abnegação, serviço ao esposo e à missão. Mas nada disso é novo, e os feminismos analisam, resgatam, deixam na memória e garantem que não é fato isolado ou singular, ainda que essa ideia seja reforçada para o controle e a submissão.

### **Qualquer semelhança é pura coincidência?**

Neste caso não é pura coincidência, os feminismos denunciam definindo o patriarcado como o conjunto de estruturas e ideologias sociais que tem permitido aos homens dominar e explorar as mulheres ao longo da história. O patriarcado, segundo os feminismos, é uma organização social que se apresenta como uma espécie de destino, uma lei natural que circunscreve ao homem a amplitude do mundo enquanto reduzem às mulheres as fronteiras do lar<sup>13</sup>. Seguindo essa “ordem natural” estaria tudo bem.

As mulheres, só pelo fato de ser mulheres, a vida tem-lhes reservado os cativeiros definidos e explicados muito bem pela Marcela Lagarde: tem que ser mãe (mãe) e esposa, senão não conseguem esse status é melhor que sejam monjas (freiras) e é muito importante que cuidem de ser presas, putas ou loucas. No entanto, a feminista também deixa explícito que fazer parte de alguns cativeiros e fugir de outros não é outra coisa que pura ilusão. Que é quase impossível entrar em todas essas “caixinhas” permitidas e preparadas para nós e, pior ainda, fugir daquelas consideradas como o horror, o terror. E nós mulheres sabemos muito bem que isso que Marcela pesquisou e denunciou, com sua tese, engloba nossa vida, que isso todo é nossa vida.

A sociedade e a cultura exige fazer parte da caixa “mãe-esposa” e fugir todo o tempo de ser presa, puta ou louca, mas é toda uma questão de aparência. Esposa: depende de como seja concebido o casamento, de um jeito ou de outro, muitas “casamos múltiplas vezes em nossa vida”, casamento é relação? É parceria? É suporte mútuo? Então...*mãe*: são as que engravidam e parem e, também, aquelas que não engravidam e cuidam.

<sup>13</sup> SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Em memória de Ella*. Desclée de Brouwer: Bilbao, 1989, p. 140.

Que mulher escapa do cuidado das outras pessoas na sua vida? Principalmente, do cuidado “dos outros”. *Loucas*: só basta uma fala em um tom “um pouquinho” mais alto que “o normal”, ou o fato de reclamar por aquilo que entendemos que merecemos, que já somos tachadas de histéricas e loucas. *Putas*: sempre que coloquemos “um pé fora” daquilo socialmente permitido, porque segundo a norma há que controlar tudo, o corpo, o olhar, o riso, etc. *Presas*: isso somos todas, ainda que fugindo da prisão judicial não escapamos das prisões cotidianas, tanto no âmbito privado como no público, porque se nos é exigido “ser para os outros” antes de “ser para nós”. Na escrita de José Martí, no século XIX: “a mulher é terna, e goza em dar-se, e é mãe desde que nasce, e vive de amar aos outros”<sup>14</sup>.

Essa categorização da mulher, do que seria “naturalmente” ser mulher é denunciado pela escritora inglesa Virginia Woolf, quando não só a descreve senão que alerta às próprias mulheres que é nosso dever “matar esse fantasma que está sempre conosco” e que ela denomina “Anjo do Lar”<sup>15</sup>. Quando conseguimos, verdadeiramente matar o *Anjo do lar*, nosso fantasma, não tem sociedade, nem cultura, nem instituição, nem igreja, nem missão que nos submeta. Sabemos e compreendemos que não tem nada maior que a dignidade, a vida com dignidade, e é essa vida com dignidade que o *Anjo do lar*, “sempre parceiro de gerações”, mata.

Que significa contar? Que significa registrar? Que significa ficar na memória? Contar, deixar registro, ficar na memória para as mulheres foram atos quase inexistentes e, quando existentes, atos feitos por outras pessoas, terceiros, quase sempre por outros<sup>16</sup>. As histórias de vida recolhidas neste artigo não fazem parte dos relatórios que periodicamente os “missionários esposos” enviaram a seus respectivos centros de missão. Elas não faziam parte dos itens requeridos como importantes nos relatórios. Se outras formas de registro não tivessem acontecido – na primeira história as atas e revistas, na segunda um livro e na terceira um diário

<sup>14</sup> FORNET-BETANCOURT, Raúl. *Mulher e filosofia no pensamento ibero-americano. Momentos de uma relação difícil*. Tradução de Ângela Tereza Sperb. São Leopoldo: Oikos/ Nova Harmonia, 2008, p. 24.

<sup>15</sup> WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre, RS: L&PM, 2016, p. 12s e 17.

<sup>16</sup> PERROT, 2013.

– hoje essas mulheres com, ou sem nomes próprios não foram conhecidas. Como a grande maioria ficou inexistente ou silenciada na História da Missão.

Três séculos, três igrejas, três histórias de vida que mostram como seres humanos são invisibilizados e esquecidos intencionalmente e, por vezes, em nome de Deus. Semelhanças que denunciam o difícil e demorado que resulta fazer mudanças estruturais, culturais, sociais e eclesiais ainda que se leia, releia e se trate de entender e seguir o texto de Gálatas 3.28: “Não há judeu nem grego, escravo ou livre, homem ou mulher; porque todos vós sois um em Cristo Jesus”.

### Referências

- FORNET-BETANCOURT, Raúl. *Mulher e filosofia no pensamento ibero-americano. Momentos de uma relação difícil*. Tradução de Ângela Tereza Sperb. São Leopoldo: Oikos/ Nova Harmonia, 2008.
- LINK, Rogério Sávio. *Vivendo entre mundos: o povo Apurinã e a última fronteira do Estado brasileiro nos séculos XIX e XX*. Tese Doutorado, UFRGS, 2016.
- MOORE-VON SICARD, Judith. *Beyond the Narrows: Cultural Reflections from My Missionary Life*. Canadá: Bold World Books, 2013.
- PERROT, Michelle. *Minha História das Mulheres*. São Paulo: Contexto, 2013.
- SCHÜSSLER FIORENZA, Elisabeth. *Em memória de Ella*. Desclée de Brouwer: Bilbao, 1989.
- WOOLF, Virginia. *Profissões para mulheres e outros artigos feministas*. Tradução de Denise Bottmann. Porto Alegre, RS: L&PM, 2016.